

## **Hierarquia de opressões: uma (auto)etnografia na Marcha das Vadias em Pelotas-RS**

Amanda Medeiros Oliveira(UFPel)

Neste trabalho, a partir de uma autoetnografia da Marcha das Vadias em Pelotas-RS, faço uma análise das fotos da Marcha sobre um aspecto transnacional para discutir a interseccionalidade de raça, classe e gênero na experiência vivenciada ou vivida por mulheres negras. A Marcha das Vadias, conhecida também como *Slutwalk*, teve sua primeira edição em abril de 2011 em Toronto no Canadá como resposta à constatação infeliz de um policial “as mulheres devem evitar se vestir como vadias para não serem vítimas de estupro”. Atualmente a Marcha é realizada em várias cidades do Brasil, Estados Unidos, Austrália, Argentina, Israel, Colômbia entre outros. Realizei no ano de 2015 um exercício de rememoração e descrição densa da Marcha das Vadias em Pelotas-RS realizada no ano de 2013. A partir da epistemologia feminista negra analisei as fotos presentes em reportagens de jornais locais e em páginas de divulgação (conteúdo da internet) da Marcha em diferentes países: Estados Unidos (Nova York), Canadá (Toronto), Brasil (Belo Horizonte, Salvador, São Paulo, Pelotas), Colômbia (Bogotá) e Argentina (Buenos Aires). Percebi que nos países analisados, a marcha é composta majoritariamente por mulheres brancas, a branquitude dessas mulheres não é localizada pelas mesmas, que em seus cartazes e palavras escritas pelo corpo, não mencionam a questão racial. Das poucas mulheres negras presentes nas Marchas realizadas no Brasil, a maioria reivindica pautas diferentes das mulheres brancas, articulando a interseccionalidade (raça, classe e gênero) principalmente em relação a representação colonialista acerca das mulheres negras como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado e distante da vida mental (hooks, 1995). A marcha, sobre esse aspecto transnacional, possui uma visão universalista, homogeniza as situações experienciadas por mulheres não brancas em detrimento de mulheres brancas, focando no gênero como opressão principal. A marcha relaciona a ideia de ser vadia tendo como consequência a liberdade, essa liberdade, mesmo que não evidenciada, não leva em conta a experiência de mulheres racializadas, principalmente mulheres negras que são representadas como sexualmente desviantes em relação à mulher branca.

### **Referências Bibliográficas:**

hooks, bell. Intelectuais Negras. **Revista Estudos Feministas**, v. 2, 1995